



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

## **O TERROR E A FICÇÃO CIENTÍFICA: Uma forma de comunicação com a diversidade<sup>1</sup>**

**Beatriz Lima de Oliveira<sup>2</sup>**

**Graduanda de Ciências Sociais e do Consumo - ESPM-SP**

### **Resumo**

A partir de estudos da comunicação é possível constatar como a imbricação dos gêneros Ficção Científica e Terror pode convocar diferentes sensações nos espectadores. Entre elas, destacamos a identificação com uma suposta supremacia científica, além do estranhamento em relação a tudo que é considerado “diferente” do que, até então, entendeu-se como padrão em determinada sociedade. Pretendemos discutir esta questão, ainda que em caráter preliminar, partindo de um debate a respeito do corpo na contemporaneidade, em contraposição a figura do monstro, seja ele real ou fictício. Mais especificamente, iremos observar como esta discussão inscreve-se nos filmes “O Monstro da Lagoa Negra” (1954) e “A Forma da Água” (2018), que serão analisados com o propósito de evidenciar como o cinema pode mobilizar diferentes possibilidades de interpretações sobre narrativas que abordam temáticas similares. Do ponto de vista teórico, partimos de autores como Tucherman, Dunker, Junior e Cunha e Penafria.

**Palavras-chave:** Consumo cinematográfico; Padrões estéticos; Diversidade; Terror; Ficção científica.

### **Contextualização**

De acordo com Rocha e Castro (2009, p.3) o “[...] entretenimento é o principal produto oferecido pela cultura da mídia, que espetaculariza o cotidiano de modo a seduzir suas audiências e levá-las a identificar-se com as representações sociais e ideológicas nela presentes.”. No caso do cinema, as autoras ainda falam sobre como a mídia usa de sua comunicação para “oferecer uma multiplicidade controlada” padrões a serem seguidos pela sociedade, a fim de restringir a diversidade.

Sabendo dessa limitação feita à diversidade disfarçada, ou seja, reprimida por um discurso em que se fala sobre o diferente ser excluído, porém que não há atitudes para muda-lo, é que podemos fazer uma conexão com o condomínio de Dunker (2009, p.1), já que por conta desses imaginamos

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no 3º Encontro de GTs de Graduação - Comunicon, realizado no dia 10 de outubro de 2018.

<sup>2</sup> Graduanda em Ciências Sociais e do Consumo, pesquisadora no grupo Eu e o Outro na Cidade na ESPM-SP e formada em técnico de administração pela Etec Presidente Vargas. E-mail: boliveira.ciso@gmail.com.



estarmos fechados em um lugar comum, em que todos se parecem conosco, sem monstros ou partes desconhecidas. Nas palavras do autor: “Antes mesmo de possuímos nossos próprios condomínios fechados, aprendemos a associá-los com a imagem de felicidade, que não sem alguma ironia, podíamos colher no cinema e na televisão.” (DUNKER, 2009, p.1).

Partindo dessas considerações, é possível perceber como o cinema, apesar de muitas vezes considerado simplesmente uma forma de entretenimento, pode assumir outra função para os consumidores mais atentos, uma forma dos produtores comunicarem suas visões de mundo aos espectadores. Nessa perspectiva Cunha e Penafria (2017, p. 42) entendem que, tal como “a literatura, o cinema pode ser encarado como uma “expressão cultural que remete essencialmente para as significações da experiência humana”. Ou seja, os filmes se tornam uma forma de comunicação social, a qual de maneira lúdica fornece uma visão de mundo a que os assiste. Essa definição não se modifica ao falarmos dos gêneros de Ficção Científica e Terror, apesar de serem histórias fictícias, as mensagens passadas por eles são baseadas na percepção de seus roteiristas e dialogam com a realidade.

Neste artigo, analisamos duas produções cinematográficas com o propósito de investigar de que maneira a junção dos gêneros de ficção e terror, e suas características, nos permite pensar a questão da diversidade por outra ótica. O primeira delas, é o filme “O Monstro da Lagoa Negra”<sup>3</sup>, no qual em uma expedição ao rio Amazonas, um grupo de cientistas descobrem uma criatura aquática diferente de tudo que eles já viram, decidindo, assim, captura-la e levá-la para o laboratório. Já a segunda produção, “A Forma da Água”<sup>4</sup>, uma faxineira de um laboratório de pesquisa nos Estados Unidos, acaba conhecendo e se aproximando da criatura que é levada até esse mesmo laboratório.

A Ficção Científica é caracterizada por sua sugestão de futuro, geralmente distópico<sup>5</sup>, em que é levado em conta as consequências da evolução da ciência e da tecnologia. A esse respeito, Nogueira (2010) declara:

Assim, podemos considerar ficção científica todo o relato que efabula ou especula sobre mundos e acontecimentos possíveis a partir de hipóteses logicamente verosímeis. O plausível é aqui, portanto, uma consequência de um saber que tem na sua necessidade causal e na sua argumentação racional os fundamentos de qualquer especulação criativa. (p.26).

<sup>3</sup>“O monstro da lagoa negra” (ARNOLD, 1954).

<sup>4</sup> “A forma da Água” (TORO, 2018).

<sup>5</sup> Distopia, vem do grego "dys" – "mau, ruim" com "topos" – "lugar", e traz uma contradição ao conceito de utopia, que seria um lugar perfeito e bom. (ARAUJO, Disponível em: <https://www.infoescola.com/filosofia/distopia>. Acesso em 22 de abril de 2018).



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Isto é, o cerne desta categoria é justamente usar dos avanços científicos atuais para, de modo criativo, vislumbrar um futuro, sendo que este pode ou não vir a ser realizado. No caso dos filmes analisados todos estão inseridos no contexto do fim da Segunda Guerra Mundial e início da Guerra Fria, colocando em pauta como seria o futuro se a busca incessante por conhecimento da época continuasse podendo até mesmo explorar uma criatura inocente com justificativa científica.

Já o gênero Terror, é conhecido pela controvérsia de prender o espectador em um sentimento de angústia e medo, como diz Nogueira (2010, p. 36) “Acerca do filme de terror podemos começar por referir que o seu apelo e o seu fascínio para o espectador, provêm, ironicamente, da incomodidade e do desconforto que provoca neste”. Mais uma vez, fazendo um paralelo aos filmes estudados aqui, os espectadores se envolvem com a trama ao ver uma criatura tão diferente fisicamente como personagem principal, assim a curiosidade é despertada neles, fazendo com que queiram saber mais sobre a criatura e qual fim ela terá.

A partir da definição dos dois gêneros podemos analisar a junção destes, na qual podemos ver que a ciência pode em maior grau, justificar seus experimentos em criaturas diferentes fisicamente, a fim de aumentar seu conhecimento sobre a espécie, até então desconhecida. No entanto, o monstro se torna o perseguido por humanos e não o contrário como nos clássicos de terror, como em “Sexta-Feira 13”. Assim, podemos dizer que as vítimas nos filmes aqui estudados se confundem. Como dito por Dunker (2009), sobre a lógica do condomínio, estamos acostumados que, na maioria das vezes, o diferente é ruim e o igual a nós é bom. Assim, ao nos depararmos com o humano que vai contra o direito à vida, e uma criatura que só quer continuar a viver, podemos ficar confusos sobre quem é bom ou mal na história, ou até mesmo se esta separação existe. E é nessa situação que conseguimos perceber que nosso julgamento, na medida em que é confrontado, pode não ser baseado somente nos comportamentos éticos ou não, mas também em nossa aparência física e estereótipos, sendo que este último será melhor estudado neste artigo.

## **O Corpo e o Monstro**

Assim como a capa de um livro é o que, em primeira instância, chama a atenção, o corpo é a primeira dimensão que conhecemos de alguém. Afinal, o corpo é uma forma que reconhecemos ao olharmos no espelho, no cinema e até mesmo em nossa sombra, como citou Ieda Tucherman (1999,



p.13) em seu livro “Breve História do Corpo e de seus Monstros”. Ou seja, é o primeiro elemento que reconhecemos ao olhar para si e para os outros, logo se torna quase inevitável não tirarmos conclusões precipitadas perante ao outro. Ainda trabalhando com a ideia de espelho e a percepção do corpo Ieda argumenta a partir de Souza que:

[...] quando nos vemos no espelho, o que vemos refletido é a imagem do Narciso que está em nós, mas não do vampiro que nos habita: este sempre escapa, mas escapa como viajante nômade [...]. O vampiro que somos torna possível a imagem do Narciso que vemos: mas o vampiro é o que não pode ser contemplado, já que o espelho não reproduz a imagem de vampiro. Drácula contra Narciso. Drácula contra Édipo. (SOUZA, 1995, *apud* TUCHERMAN, 1999, p. 13)

Ou seja, quando olhamos para nós vemos o que achamos ser bom, perfeito, enquanto esquecemos de todo o lado indesejável, embora façamos ao contrário com o outro. O corpo se torna, principalmente na contemporaneidade, o nosso “cartão de visita”. Assim, ter um corpo nos padrões desejados é aparentemente estar preparado para conviver em sociedade. De fato, ao nos depararmos com “o outro”, diferente do que consideramos normal, o “juízo é instantâneo e o resultado é surpreendente: os poderes classificatórios do repertório de imagens levam o indivíduo a fechar-se inteiramente.”. (TUCHERMAN, 1999, p. 70).

Em relação ao julgamento imediato que Tucherman diz, este pode ser o início do preconceito e de noções de padrões de beleza que é possível se adquirir ao longo da vida. Todavia, a autora dá outras razões para as noções de corpo ideal que temos hoje, isto é, um corpo magro, fisicamente saudável, apesar de não o ser biologicamente e principalmente uma responsabilidade legal de cada um, “sendo o próprio corpo apresentado como propriedade, ele se torna também responsabilidade: devemos tomar vitaminas para conservá-lo preventivamente, fazer exercícios e controlar o colesterol, os triglicídios e a osteoporose, fazer uma alimentação “saudável”. (TUCHERMAN, 1999, p. 72).

Ou seja, o corpo acaba se tornando uma responsabilidade pessoal, em que devemos cuidar para que continue saudável e digno. Entretanto, ao se tornar obrigatório esse tipo de corpo, qualquer detalhe que se diferencie disso acaba se tornando uma patologia, que se o próprio dono não cuida, cabe aos “saudáveis” a dar-lhe uma direção. As limitações, moral e pecado, que não limitavam a consciência do certo e errado para algo anormal e doente, neste momento se tornam exatamente o contrário. Conforme diz Tucherman (1999, p.73) “No entanto, todo este cuidado com o corpo, toda a sua “eticização” e todas as técnicas que no interesse de sua preservação se elaboram, não fazem mais do que demonstrar



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

a crise do corpo, caudatária lógica da crise da Modernidade.” E é nesse ponto que o diferente acaba se tornando os monstros dos filmes de ficção científica e terror. Desta ideia é possível retomar o vampiro e o Narciso interior de Tucherman. Tudo aquilo que pode ser julgado como diferente do que é o nosso grupo social é visto como o vampiro, aquilo que não deve ser mostrado, que é terrível, enquanto o que é socialmente aceito, é visto como o lado perfeito do ser, o Narciso. Trancamos nossa porta e colocamos estacas de madeira a nossa volta para que o vampiro não ataque, enquanto olhamos para nosso reflexo, nos orgulhando de termos conseguido nos encaixar e ter o corpo padronizado, que Narciso almeja.

Todavia, este mesmo vampiro nos faz lembrar que possivelmente não somos tão perfeitos quanto deixamos transparecer, afinal “provavelmente o homem só produz monstros por uma única razão: poder pensar a própria humanidade. Seria possível traçar a história das diferentes ideias ou definições que o homem deu de si próprio através das representações da monstruosidade humana[...]”. (GIL, 1994, p. 56 *apud* TUCHERMAN, 1999, p. 74). Como foi dito até agora, o ser humano acaba por excluir o que lhe é diferente e isso pode acontecer tanto na vida real, como na fictícia também, no caso as telas de cinema. O terror, segundo sua definição, se baseou na aversão ao diferente, mas será que isso acentua ou nos conscientiza do comportamento preconceituoso que temos? É o que abordaremos a partir deste momento até o fim deste texto.

Para tal, é preciso definir o que é o monstro em nossa vida física e como ele representa aqueles que são diferentes e como isso pode afetar a sociedade. Júnior (2010, p 3), cita Foucault e sua definição de monstros, aquele que viola não só as leis da sociedade, como também o que viola as leis da sua própria natureza, ou seja, todos aqueles que contradiziam o que era considerado biologicamente e juridicamente correto, colocando na mesma categoria um assassino e uma pessoa que nascera com uma deficiência física ou mental. Tratando-se assim, de todos os que rompem com os padrões sociais, indo contra nossa moral, ética, cultura e estética, o monstro se torna um potencial símbolo da diversidade humana e como a tratamos na prática.

Ademais, o monstro, seja fictício ou não, é uma representação do que não é considerado normal. Nos filmes de terror, por exemplo, o monstro é aquele que persegue suas vítimas, afim de mata-las, sendo que, em geral, essas vítimas, são o que em uma sociedade é considerada a norma e não a exceção.



Monstros como fantasmas ou demônios, representam um pós- morte que assusta aqueles que continuam vivos, aqueles que continuam “normais”.

Entretanto, como vimos com Tucherman de que os monstros são, na realidade, a imagem de nós mesmos que escondemos perante a sociedade por medo de que ela não nos aceite do jeito que somos, o monstro se torna um escape dessa pressão que temos que enfrentar todos os dias, daí talvez venha a fascinação que temos por datas comemorativas que podemos nos fantasiar, como o dia das bruxas e o carnaval. “[...] se é verdade que o homem procura nos monstros uma imagem estável de si mesmo, ainda que por contraste, não seria menos verdadeiro supor que a monstruosidade atrai como uma espécie de ponto de fuga com o seu devir-inumano, no sentido, por exemplo, do devir animal.” (JUNIOR, 2010, p 4.).

Entramos, então, em um conflito ao nos identificar com o monstro, o errado. Afinal ao nos identificarmos com os monstros, símbolos daqueles que podem não se encaixar na sociedade, podemos nos acabar por não pertencer de fato ao lugar que queremos, ou seja, se o monstro é aquilo que não se encaixa e nos é semelhante, em tese, não nos encaixamos também.

Assim acabamos por nos tornar aquilo que somos ensinados a odiar e excluir, nos vemos no lugar daqueles que, teoricamente, nunca deveríamos nos identificar, todavia é com ele que mais nos encontramos no dia a dia. Apesar de serem textos diferentes, Junior (2010) e Tucherman (1999) abordam a semelhança entre humanos e monstros, sendo que Junior diz que, “o corpo do monstro é como uma superfície inóspita na qual dificilmente poderíamos nos espelhar ou prolongar o nosso duplo. Nele, é quase impossível morar. Entretanto, aquele corpo monstruoso é, de direito, o nosso duplo, como qualquer outro corpo.” (2010, p. 5). Enquanto Tucherman (1999, p.77), diz que o monstro imaginário é uma “hibridização” de diferentes espécies de diferentes naturezas, humana e animal, como no caso do minotauro, centauro ou sereia.

Desta forma, é possível que inconscientemente, ou conscientemente, associamos desde a criação destes seres, que temos características não só físicas, como também comportamentais, em relação a eles, e talvez por esse motivo, o monstro está em todos os meios de entretenimento, como afirma Tucherman (1999, p.76) “[...] nunca fomos tão frequentados por estas categorias: vivemos hoje



uma prodigiosa proliferação de monstros que nos surgem de todos os lugares: do cinema, das histórias em quadrinhos, das exposições de artes plásticas, dos brinquedos e videogames, etc.”.

E é por conta dessa massificação de monstros surgindo ao nosso redor, que o objetivo deste artigo é justamente estudar dois filmes, de épocas diferente, mas contextos extremamente parecidos, que nos mostram o monstro no meio da sociedade científica, que é cada vez mais valorizada, sem levar em consideração seus contras e somente seus prós.

A diferença de época em que as obras foram feitas também é de extrema importância, afinal “Com certeza podemos pensar a presença da arte e as questões que ela nos propõe relacionando-a com épocas nas quais ela é produzida e que, de alguma forma, ela metaforiza.” (TUCHERMAN, 1999, p.117). Em suma, é com base em o que estamos vivendo que expressamos nossa arte, e é a partir dela que outras pessoas conseguem ter uma visão diferente, ou reforçar sua própria visão de mundo.

Nós, ocidentais, seríamos constituídos então por uma consciência estruturada pela literacia e teríamos, por outro lado, nossa sensibilidade e sua matéria relacionadas com os trabalhos de Shakespeare, Da Vinci, Vermeer, Dostoiévski, Racine, Espinosa etc, artistas que “pacientemente construíram as paredes de nossa consciência privada e as decoraram”<sup>162</sup>. (TUCHERMAN, 1999, p 119)

De certa forma, formulamos nosso pensamento na junção da literatura com a ciência, assim uma opinião pode ser baseada em diferentes fontes, porém com o mesmo objetivo de esclarecer e apontar dúvidas que se complementam.

### **Um Estudo do Cinema**

Após a verificação de todos esses conceitos, podemos agora fazer uma análise do quanto se assemelha a realidade dos filmes “A Forma da Água” e ‘O Monstro da Lagoa Negra”.

“O Monstro da Lagoa Negra”, filme de 1954, nos desperta um sentimento que até então não parecia possível, a confusão em relação de quem é o vilão ou mocinho, o humano ou o monstro? Como qualquer ficção científica, o filme trabalha com a curiosidade humana de compreender o seu passado e o que lhe é diferente por meio da ciência. No caso, é encontrado um fóssil no meio do que parece ser um rochedo, uma espécie de mão com membranas entre os dedos, isso parece ser uma descoberta incrível e a resposta para muitas das dúvidas sobre a origem humana no planeta Terra, logo o cientista que a encontra organiza uma expedição para encontrar o resto do curioso fóssil.



Ao se encontrarem frustrados por não terem achado nada no meio do rochedo, surge a ideia de que o resto do fóssil pode estar em outro lugar, a lagoa negra. Lugar, este que é cheio de mistérios e lendas, por ser um lugar maravilhoso, porém o lar de um monstro. É a partir deste ponto, que a trilha sonora, as cenas e o monstro em si, deixam claro que é um filme de terror. O monstro aparece diversas vezes observando o comportamento dos cientistas, como podemos ver na figura abaixo, enquanto eles ainda não perceberam que o fóssil que estão procurando, na verdade é o próprio monstro.



Figura 1 – Criatura observando humano<sup>6</sup>

Ao primeiro contato do monstro com os humanos, uma possível confusão pode ocorrer quanto a identificação, de início, o próprio filme faz parecer que o monstro quer matar a todos os humanos, entretanto com o desenrolar da trama, fica claro que este quer defender seu lar e a si mesmo, enquanto os humanos invadem aquele habitat, que até então não sofreu a influência do homem, e querem levar o monstro para ser estudado em um laboratório e principalmente, lucrar com a descoberta, seja com o monstro vivo ou morto.

A identificação fica ainda mais profunda quando percebemos que o monstro acaba se apaixonando pela mocinha. É nesse momento que percebemos realmente o quanto ele se parece a um humano, com os sentimentos aflorados nele por uma bela moça, que o teme por ser diferente. O

<sup>6</sup> Disponível em <http://mesimaginaires.net/2012/12/10/letrange-creature-du-lac-noir-jack-arnold/lac-noir-3/>. Acesso em 22 de abril de 2018.





**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

monstro nos toca, no que de certa forma é uma das partes mais sensíveis, a rejeição de um amor. E para aqueles que creem que o que diferencia o homem é a racionalidade, o monstro demonstra uma certa inteligência, montando uma barreira na única saída do lago, deixando assim os cientistas presos.

Em contrapartida, o humano se torna cada vez mais determinado a conseguir levar a criatura, para faturar com a descoberta e chega ao ponto de feri-la várias vezes e sugerir matá-la. A frieza e o foco em simplesmente lucrar a qualquer custo, nos faz temer nosso próprio egoísmo, nos faz querer ser o monstro apaixonado, ao invés de humano sedento de dinheiro. É com essa ambiguidade que o filme se desenrola, brincando com a dúvida do que é bom ou mal em uma sociedade, nos mostrando que o monstro pode ser relativo e aparecer em qualquer um.

Del Toro, se baseou nesta obra para escrever o filme vencedor do Oscar de 2018, “A Forma da Água”. Em uma entrevista del Toro<sup>7</sup> diz: “A criatura tinha o design mais bonito que já vi, e quando vi ele nadando embaixo da [atriz] Julie Adams eu amei os dois. Eu senti quase um desejo existencial para eles terminarem juntos. Claro, que isso não aconteceu”. O comentário do autor confirma ainda mais a forte identificação que temos com o monstro no filme. Outro comentário dele na entrevista nos confirma o nosso medo em aceitar essa identificação: “Eu fui para Universal e disse, “podemos fazer o filme do ponto de vista da criatura? “. Eles não gostaram da ideia. Eu disse, “acho que eles deveriam terminar juntos”. Eles não gostaram nada”.

O filme escrito e dirigido por del Toro, foi indicado a treze categorias, sendo vencedor de quatro – melhor filme, melhor diretor, melhor trilha sonora original e melhor direção de arte – o que pode ser um indício de que a percepção de monstro como o vilão que deve terminar sozinho e isolado no fim da história, pode ser mudada a partir da forma com que se é contada a história.

O fator principal que diferencia os dois filmes é o ponto de vista que é contada a história. Na “A Forma da Água”, o monstro não aparece como assustador e terrível e sim como uma criatura que quer um lar. Ele é trazido por um laboratório de pesquisa nos Estados Unidos, e logo de início chama atenção da personagem principal, uma zeladora do local. Entretanto só haverá contato entre eles quando

---

<sup>7</sup> Visto em: <https://omelete.com.br/filmes/noticia/a-forma-da-agua-guillermo-del-toro-revela-que-inspiracao-veio-de-o-monstro-da-lagoa-negra/>. Acesso em 14 de abril de 2018.



**COMUNICON2018**  
congresso **internacional**  
**comunicação e consumo**

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

ela é chamada para limpar o sangue do homem que está encarregado de gerenciar os estudos sobre a criatura, já que em um primeiro contato a criatura arrancou dos dedos do homem.

Elisa, par romântico da criatura, se aproxima temerosa do monstro, agora em um tanque cheio de água, e se identifica com a criatura trancada. Isso por ela ser muda, o que naquele contexto significa que ela era excluída e subestimada por muitos ao seu redor, se sentindo trancada em uma redoma imaginária, por não ser igual aos outros. Essa identificação de Elisa com o monstro, ambos julgados e excluídos da sociedade, mostra um outro aspecto importante retratado aqui no texto, ela é personificação do que se considera o monstro da realidade, alguém que vai contra aos padrões da sociedade, principalmente pelo fato de ter uma deficiência. O elo entre os dois, nos mostra que é com o monstro das histórias que muitos acabam se identificando e achando que não pertencem a sociedade.



Figura 2 –O encontro do monstro real e do fictício<sup>8</sup>

No decorrer do filme Elisa e a criatura vão construindo laços cada vez mais fortes e vão se comunicando por meio da linguagem de sinais, libras. Quando a personagem descobre que o seu amigo será morto, ela monta um plano para tirá-lo daquele laboratório e devolvê-lo ao habitat natural, o problema é que quando finalmente consegue escondê-lo em sua casa, a relação entre os dois fica cada vez mais íntima, ao ponto de que a personagem entra em conflito sobre deixa-lo livre.

<sup>8</sup> Disponível em <http://www.folhadeestado.com.br/oscar-2018-a-forma-da-agua-e-grande-vencedor-em-noite-inclusiva/>. Acesso em 22 de abril de 2018.



**COMUNICON2018**  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

Podemos aqui fazer uma análise sobre esse comportamento. Por um lado, há a parte romântica, o dilema de deixar ou não a pessoa que amamos, porém por outro, e essa é a perspectiva que nos interessa aqui, o dilema pode ser explicado pelo fato de que Elisa, que até então se sentia excluída pelo fato de ser diferente, agora tem um lugar. E este ponto nos explica o motivo da nossa fascinação pelos monstros, eles são livres, por assim dizer, para serem o que quiserem ser, enquanto nós somos fadados a uma máscara social, que nos priva de mostrar lados que seriam rejeitados pelas normas sociais e nos excluiria dos grupos que nos encaixamos até então. Ou seja, é a partir dos monstros que podemos ser, dizer e fazer o que realmente queremos, já mascarados podemos exibir nosso vampiro, e guardar Narciso, seguindo a metáfora proposta por Tucherman.

O desenlace da trama é coberto ainda mais de significados. O fim é o par romântico encontrando o final feliz, entretanto diferente do que se é esperado é Elisa que transforma e não a criatura, agora ambos são os monstros. O ponto principal do filme é aceitarmos e acolhermos o monstro e não o obrigar a se transformar em “humano”.

### **Considerações Finais**

Conforme as referências e a análise dos filmes é possível ver que o consumo de artes, neste caso a cinematográfica, pode influenciar na nossa visão de mundo, afinal nos baseamos em tudo que vemos, ouvimos e sentimos que conseguimos duvidar, pensar e elaborar conclusões, sendo que estas são diretamente influenciadas de acordo com a comunicação que é feita sobre determinado assunto.

Esta última parte fica mais clara ao vermos as diferentes ideias que podem ser tiradas de história extremamente parecidas, mas com abordagens e pontos de vista quase que opostos. Enquanto que no primeiro filme há uma dúvida entre qual personagem há maior identificação, qual o lado moral e qual não é, a Forma da Água, nos mostra o outro lado do monstro, nos faz perceber o quanto somos parecidos e o quanto essa parte é importante para nós. O monstro é uma parte de cada um, basta ao olharmos no espelho vermos Narciso e termos a consciência de que, apesar de não aparecer tão obviamente, há um vampiro dentro de cada um e que é preciso respeitar as duas figuras em cada indivíduo.

Quanto à pergunta feita no início do texto: “O ser humano fundou um gênero de cinema se baseando nessa aversão ao diferente, o terror, mas será que isso acentua ou nos conscientiza do comportamento preconceituoso que temos?”, podemos tirar do texto é que o ser humano criou um



COMUNICON2018  
congresso internacional  
comunicação e consumo

6º SIMPÓSIO INTERNACIONAL  
7º ENCONTRO DE GTS DE PÓS-GRADUAÇÃO  
3º ENCONTRO DE GTS DE GRADUAÇÃO

monstro por duas razões, temos medo e fobias criados para ter aversão ao diferente, enquanto ao mesmo tempo, a cada dia percebemos que somos diferentes e é através do mundo fictício, que podemos extravasar essas diferenças sem que sejamos excluídos da sociedade. E a consequência disso, é que acabamos alimentando nosso comportamento preconceituoso, pois vamos nos esquecendo de que o lado diferente, o lado monstruoso, não é a máscara usada de vez em quando e sim a falta dela, ao mesmo tempo em que nos mostra através de cada identificação de que temos um lado do qual não gostamos.

## REFERÊNCIAS

CUNHA, Paulo e PENAFRIA, Manuela. **Crítica do Cinema: Reflexões sobre um discurso.** Covilhã: LabCom.IFP, 2017. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt>. Acesso em 14 de abril de 2018.

DUNKER, Christian Ingo Lenz. **A Lógica do Condomínio ou: o Síndico e seus Descontentes.** Disponível em: [http://www4.pucsp.br/cespuc/revistas/volume1/textoLeituraFlutuante\\_1-5.pdf](http://www4.pucsp.br/cespuc/revistas/volume1/textoLeituraFlutuante_1-5.pdf). Acesso em: 14 de abril de 2018.

GOMES, Fábio de Souza. **A Forma da Água: Guillermo del Toro revela que inspiração veio de O Monstro da Lagoa Negra.** Omelete, 2017. Disponível em: <https://omelete.com.br/filmes/noticia/a-forma-da-agua-guillermo-del-toro-revela-que-inspiracao-veio-de-o-monstro-da-lagoa-negra/>. Acesso em: 14 de abril de 2018.

NOGUEIRA, Luís. **Manuais de Cinema II: Géneros Cinematográficos.** Covilhã: LabCom.IFP, 2010. Disponível em: <http://www.labcom-ifp.ubi.pt>. Acesso em 10 de abril de 2018.

JUNIOR, Carlos Augusto Peixoto. **Sobre corpos e monstros: algumas reflexões contemporâneas a partir da filosofia da diferença.** Psicologia em Estudo, Maringá, 2010. Disponível em: <http://www.scielo.br>. Acesso em 03 de abril de 2018.

ROCHA, Rosa de Melo e CASTRO, Gisela G. S. **Cultura da mídia, cultura do consumo: imagem e espetáculo no discurso pós-moderno.** Disponível em: <http://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/logos/article/view/361>. Acesso em: 14 de abril de 2018.

TUCHERMAN, Ieda. **Breve história do corpo e de seus monstros.** Lisboa: Veja, 1999.

## FILMOGRAFIA

**A Forma da Água** (SHAPE of Water). Direção: Guillermo del Toro; Produção: Guillermo del Toro, J. Miles Dale. Trilha Sonora: Alexandre Desplat. Estados Unidos: Fox Film, 2018 (filme, 2h 03min)

**O Monstro da Lagoa Negra** (CREATURE from the Black Lagoon). Direção: Jack Arnold; Produção: William Alland; Trilha Sonora: Robert Emmett Dolan, Milton Rosen. Estados Unidos: Universal International Pictures, 1954 (79 min).